

# A ANÁLISE DO DISCURSO COMO UMA FERRAMENTA PARA FACILITAR O DIÁLOGO INTERCULTURAL

## A DISCOURSE ANALYSIS AS A TOOL TO FACILITATE CROSS-CULTURAL DIALOGUE

*Nélida Reis Caseca Machado<sup>1</sup>*

**Resumo:** Através do método hipotético dedutivo e baseado nos relatos dos autores do livro Cafundó acerca da linguagem de uma comunidade quilombola, vislumbraram-se pontos de contato entre a interpretação feita pelos Autores e o aporte teórico de Michel Pêcheux na análise do discurso. Contudo, verifica-se que, tal como prevê a própria análise do discurso, passou despercebida na linguagem daquela comunidade, uma nuance importante da ideologia do grupo quilombola, que se revela na tentativa de esconder os significados das palavras no diálogo, e na comunhão da língua com poucas pessoas não pertencentes ao grupo. Esta ideologia que se percebe, neste momento do estudo, considerando-se a pluridade do Estado nacional e o multiculturalismo, é que da mesma forma que o grupo teria sido excluído ou não incluído pela população majoritária, haveria um movimento de exclusão e não inclusão de outras pessoas pelo grupo quilombola, sendo certo que a percepção desta ideologia, através da análise do discurso, poderia facilitar o contato, fazendo com que os marcos divisórios de sobreposição cultural fossem reduzidos, facilitando o diálogo intercultural.

**Palavras-chave:** linguagem, Michel Pêcheux, ideologia, diálogo intercultural.

**Abstract:** Through the hypothetical deductive method and based on the reports of the authors of the Cafundo's book about the language of an quilombola community, envisioned points counted among the interpretation made by the authors and the theoretical contribution of Michel Pêcheux in discourse analysis. However, notes that, as provided for in the very discourse analysis, gone unnoticed in the language of that community, an important nuance quilombola group ideology, which reveals itself in an attempt to hide the meanings of words in the dialogue, and in the communion of language with few people not belonging to the group. This ideology that we see, at the moment of study, considering the pluridade of the national State and multiculturalism, is that in the same way that the Group would have been deleted or not included by the majority population, there would be a movement of exclusion rather than inclusion of others by quilombola group, being sure that the perception of this ideology through discourse analysis could facilitate contact, causing overlapping partitions cultural landmarks were reduced facilitating intercultural dialogue.

**Keywords:** language, Michel Pêcheux, ideology, intercultural dialogue.

### Considerações iniciais

Em 1996, em conclusão à pesquisa de dez anos na comunidade quilombola Cafundó, situada em Salto de Pirapora, a 150 quilômetros de São Paulo, foi publicado o livro *Cafundó: a África no Brasil: linguagem e sociedade*, por Carlos Vogt e Peter Fry. Além de outros temas, a linguagem falada naquela comunidade foi catalogada, sendo transcrito um diálogo que foi interpretado pelos autores. Apesar de eles terem criado uma espécie de dicionário para o entendimento da língua, o diálogo estava envolto em significações não captadas, aumentando o universo de sentidos que poderia ter ou alcançar. Diante da interpretação feita pelos autores, verifica-se que a observação e as reflexões se deram com fundamentos na história, na linguagem e na ideologia. Com fundamentos na história porque foi ponderada a estrutura da comunidade em virtude da herança histórica advinda de quilombo; na linguagem porque a comunidade falava em um dialeto conhecido apenas na comunidade que foi inclusive catalogado, e na ideologia porque se questionou o significado das palavras de acordo com o sentido pronunciado pelo grupo.

---

<sup>1</sup> Mestre em Constitucionalismo e Democracia pela Faculdade de Direito do Sul de Minas (FDSM). Graduada em Direito pela Universidade José do Rosário Vellano. Pós-graduada em Direito Público pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-graduada em Direito Penal e Processo Penal pelo Centro Universitário do Instituto de Ensino Superior COC. Assessora de Juiz – Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. Professora titular do Centro Universitário de Formiga (UNIFOR). Pesquisadora. E-mail: nelidamachado@bol.com.br.

Contudo, a hipótese que se tem, considerando-se a Análise do Discurso, é que não foi possível, considerando-se o diálogo transcrito e o momento histórico, perceber parte da ideologia que cercava o grupo quilombola. O estudo demonstra-se importante porque se relaciona com a pluridade nacional e o multiculturalismo, podendo contribuir para as questões relacionadas ao diálogo intercultural. Para tanto, o estudo será feito através do método hipotético-dedutivo e a exposição se dividirá em três itens. O primeiro abordará a Teoria do Discurso, o segundo o Diálogo registrado na comunidade quilombola e o terceiro enfrentará a questão propriamente dita.

## 1 A teoria

A análise do discurso<sup>2</sup> tem seu marco inaugural em 1969, através de Michel Pêcheux. Nela tem-se a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação, estabelecendo Pêcheux a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia, na seguinte formulação: ideologia + história + linguagem.<sup>3</sup>

Assim, a linguagem não é estudada apenas como forma linguística, mas como forma material da ideologia, trabalhando-se não apenas com o conteúdo do texto, mas com o sentido, não apenas traduzido, mas produzido por ele.<sup>4</sup> A ideologia, neste contexto, é o posicionamento do sujeito diante de um discurso, sendo o discurso o processo de constituição do imaginário, apontando a linguagem as “pistas”<sup>5</sup> do sentido que o sujeito pretende dar.

Importante salientar que, nesse contexto, o discurso produzido pela fala sempre terá relação com o contexto sócio-histórico, isto é, é pronunciado a partir de condições de produção dadas, sendo impossível analisar um discurso apenas como um texto, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção.<sup>6</sup> De tal modo, o sujeito estaria preso, inconscientemente, ao conhecimento da construção coletiva, sendo porta-voz daquele discurso e representante daquele sentido, embora tenha a ilusão de autonomia.<sup>7</sup>

Há que se ressaltar que a interpretação, nesse diapasão, também é um lugar da ideologia e se manifesta em um tempo histórico, sendo certo que a interpretação dá

---

<sup>2</sup> A Análise do Discurso é uma disciplina de interpretação fundada pela intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise. Essa contribuição ocorreu da seguinte forma: da linguística deslocou-se a noção de fala para discurso, do materialismo histórico emergiu a teoria da ideologia e, finalmente, da psicanálise veio a noção de inconsciente que a análise do discurso (AD) trabalha com o descentramento do sujeito. CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>> Acesso em: 20 abr. 2013.

<sup>3</sup> *Idem.*

<sup>4</sup> *Idem.*

<sup>5</sup> O real do sujeito seria o inconsciente, aquilo que mais de perto diz do sujeito, o que lhe é próprio. O que o move seria o desejo, a busca da completude, a tentativa incessante de fechar os furos em nossa estrutura psíquica. Esse inconsciente é o mesmo que aparece na língua quando nela tropeçamos, ao cometermos lapsos, atos falhos ou produzirmos chistes. O inconsciente, como diz Lacan, está constituído pela linguagem. Disto decorrem implicações profundas para a significação de outras noções que circulam nesse espaço discursivo, como (1) a materialidade (com sua natureza não apenas linguística, mas também histórica), (2) a estabilidade (que não se encontra sempre logicamente estabilizada), (3) a ordem (como a contrapartida histórico-semântica densa da organização) e (4) o acontecimento (como a exterioridade que não está fora e que representa o lugar de ruptura com os sentidos estabelecidos). FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Linguagem, ideologia e psicanálise: Estudos da linguagem.** Michel Pêcheux e a análise do discurso. Vitória da Conquista n.1, p. 69-75, junho 2005.

<sup>6</sup> CAREGNATO; MUTTI. *Op. Cit.*

<sup>7</sup> *Idem.*

visibilidade ao sentido que o sujeito tentou transmitir em seu discurso.<sup>8</sup> Neste raciocínio, o analista é um intérprete e a interpretação nunca será absoluta e única, pois também produzirá seu sentido.<sup>9</sup> Isso porque vários temas podem ser questionados a partir de algumas “marcas linguísticas”,<sup>10</sup> inclusive considerando-se os vários focos de pesquisa, sendo possível que algumas nuances não sejam captadas, em virtude de a observação se dar de forma mais ou menos abrangente. Saliente-se que na análise do discurso, a averiguação é vertical e não horizontal, não sendo necessária a apreciação de todos os teores dos diálogos, mas relacioná-la com o contexto sócio-histórico, fazendo-se necessário explicar o motivo que induziu a escolha do recorte sócio-histórico, pois este faz parte das condições de produção do discurso.<sup>11</sup> Assim, após a delimitação do eixo temático, o recorte resulta em uma construção do analista através da regularidade linguística, juntamente com os sentidos pré-constituídos na memória do dizer da sociedade,<sup>12</sup> tudo fazendo parte da identidade acessada pelo sujeito.

Com efeito, a interpretação, na análise do discurso, deverá ser feita sempre entre o interdiscurso<sup>13</sup> e o intradiscurso,<sup>14</sup> chegando às posições representadas pelos sujeitos através da linguagem, buscando os efeitos de sentido que se pode apreender. Reafirma-se que a interpretação sempre é passível de equívoco,<sup>15</sup> pois embora a interpretação pareça ser clara, na realidade existem muitas e diferentes definições, sendo que os sentidos não são tão evidentes como parecem ser. É que para a análise do discurso a linguagem não é transparente, mas opaca, razão pela qual o analista de discurso se põe diante da opacidade da linguagem. O analista ao utilizá-la fará uma leitura do texto enfocando a posição discursiva do sujeito, legitimada socialmente pela união do social com a história e a ideologia, produzindo o sentido.

Assim, vai-se em busca do sujeito até então descartado, que é encontrado em parte, como um “sujeito descentrado, afetado pela ferida narcísica, distante do sujeito consciente, que se pensa livre e dono de si”,<sup>16</sup> enquanto a outra parte é encontrada no materialismo histórico como sujeito assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e devidamente interpelado pela ideologia.<sup>17</sup>

## 2 O diálogo

---

<sup>8</sup> CAREGNATO; MUTTI. *Op. Cit.*

<sup>9</sup> *Idem.*

<sup>10</sup> *Idem.*

<sup>11</sup> *Idem.*

<sup>12</sup> *Idem.*

<sup>13</sup> Entende-se o interdiscurso como a memória do dizer; sentidos do que é dizível e circula na sociedade; saberes que existem antes do sujeito; saberes pré-construídos constituídos pela construção coletiva. CAREGNATO; MUTTI. *Op. Cit.*

<sup>14</sup> O intradiscurso é a materialidade (fala), ou seja, a formulação do texto; o fio do discurso; a linearização do discurso. *Idem.*

<sup>15</sup> Para Pêcheux a língua é a forma de materialização da fala, contando com os planos material e simbólico e a análise do discurso “seja mais relevante para as ciências da linguagem, ela está presente no exercício das ciências humanas”; portanto, a interpretação caberá tanto ao “analista da linguagem quanto à do cientista em geral”. *Idem.*

<sup>16</sup> FERREIRA. *Op. Cit.*

<sup>17</sup> Para Pêcheux a ideologia é a matriz do sentido: as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas. O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe ‘em si mesmo’, ou seja, colado ao significante, mas ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

Carlos Vogt e Peter Fry, no Cafundó, como dito, transcrevem um diálogo e mesmo tendo sido catalogado e transcrito pelos pesquisadores uma espécie de dicionário, a conversa é envolta em “significações bastante enigmáticas”,<sup>18</sup> dificultando a compreensão do teor da conversa pela multiplicação dos contextos da língua falada – *cupópia*/falange –, aumentando os universos possíveis.

Sustentam os autores que certamente os interlocutores se entendiam. A princípio com a ajuda de sinais apontando o conteúdo, porque se a conversa fosse apenas “ouvida”, mais se parecia com um conjunto de palavras misturadas sem compromisso sintático ou semântico. Com a observação, contudo, asseveram que foi possível identificar alguns núcleos com certa “lógica” de significação. É que naquela linguagem, haveria a predominância da harmonia sobre a melodia, tanto que afirmam: “[s]e pudéssemos utilizar uma metáfora musical, diríamos que nesse diálogo temos o domínio da harmonia sobre a melodia”,<sup>19</sup> o que dificultava o entendimento do conteúdo. Aos poucos, ficou evidente que era comum o procedimento de cortar as palavras para aumentar o segredo de suas significações,<sup>20</sup> impossibilitando o entendimento sem levar “em conta os vários contextos sociais em que seu uso se dá”,<sup>21</sup> pois aquele “diálogo é uma espécie de metáfora representativa do estilo de falar próprio”<sup>22</sup> daquele lugar, que era possuído das expressões africanas e brasileiras de forma desorganizada, sendo a desorganização, as forças estruturais daquela linguagem como uma “lógica poética”.<sup>23</sup>

Dentro desse processo ficou registrado também o da criação de palavras, que o mestre da língua<sup>24</sup> chama de *transferição*. O que funcionaria como se fosse um “filtro” de sentido/entendimento entre o português e a língua africana, a cultura brasileira e a africana e, por fim, o entendimento comungado pelo grupo. A *transferição* é definida pelo próprio mestre:

Comparação. O senhor agora passa e eu estou sabendo, mas eles não sabem ainda, porque eu estou sendo mestre que aprendi e para gente conversar eu tenho que ensinar para eles. É um sucesso que não está com eles e que já está com nós.<sup>25</sup>

Tal fato demonstra a invenção da língua, mas ressaltam os autores que a invencionice se faz de forma estruturada com as possibilidades da própria língua,<sup>26</sup> como se houvesse uma obediência estrutural ao símbolo utilizado. Inclusive porque a língua era passada de pai para filho sem que fosse explicado o significado, pois o sentido ia sendo alcançando na medida em que cada um era exposto ao falar dos outros, inclusive porque a língua “só era ensinada depois de uma certa idade, se não cronológica, ao menos uma idade social em que a pessoa começa a participar do mundo dos adultos, por exemplo através do trabalho”.<sup>27</sup>

A essa forma de agir se integra a repetição, que “produz redes de memória em que se movem os discursos, num jogo constante de desestruturação-reestruturação que se produz no espaço entre a estrutura e o acontecimento”.<sup>28</sup> Assim são reinventados os dizeres, alterando e

---

<sup>18</sup> VOGT, Carlos; FRY, Peter. **Cafundó: a África no Brasil: linguagem e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 168.

<sup>19</sup> *Idem*, p. 172.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 173.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 175.

<sup>22</sup> VOGT; FRY. *Op. Cit.*, p. 176.

<sup>23</sup> *Idem*, p. 177.

<sup>24</sup> Os mais conhecedores da língua falada no Cafundó, denominada *cupópia* ou falange.

<sup>25</sup> VOGT; FRY. *Op. Cit.*, p. 196.

<sup>26</sup> *Idem*.

<sup>27</sup> VOGT; FRY. *Op. Cit.*, p. 195.

<sup>28</sup> DE NARDI, Fabiele Stockmans. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 5 - n. 2 - p. 182-193 - jul./dez. 2009. Disponível em: <[www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/1251/764](http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/1251/764)>. Acesso em: 25 mar. 2012.

ampliando a linguagem e alimentando a estrutura linguística. Não obstante e diante dos registros dos autores do Cafundó, a língua carrega em si as manifestações culturais e revela as possíveis ideologias e lutas de classe enfrentadas pela comunidade, pois mesmo que a língua “seja “indiferente”<sup>29</sup> à divisão de classes e a sua luta, não quer dizer que as classes sejam “indiferentes” à língua. Ao contrário, elas a utilizam, de modo determinado, no campo de seu antagonismo, especialmente de sua luta política”.<sup>30</sup>

E a língua, no Cafundó, era o escudo do núcleo de pensamento e de coesão do grupo escravo, a princípio. Era evitada junto aos brancos e falada perante eles quando os negros queriam se comunicar e não queriam ser entendidos pelos brancos, funcionando como instrumento de proteção, mas também de exclusão dos brancos. Contudo, a linguagem é desenvolvida na convivência.<sup>31</sup> Surge na história dos seres vivos no âmbito de interações recorrentes, na recursão consensual das coordenações de conduta, através da espontaneidade e da naturalidade do consenso na convivência.<sup>32</sup>

Assim, em razão disso, a *cupópia* era utilizada por pessoas pertencentes a grupos oriundos de outras convivências. Tanto que relatam Vogt e Fry que entre os descendentes do Cafundó, em convivência com brancos na cidade, em virtude do ambiente de trabalho, parte da língua era ensinada aos brancos (palavras vinculadas àquela relação) e a linguagem era comungada, entre os companheiros de trabalho. Utilizar a língua do Cafundó, portanto, seria um jeito de comungar de uma “identidade”, não apenas relacionada ao pertencimento da comunidade Cafundó, mas de pertencimento a um grupo que conhecia a língua em face de outro que não a conhecia. No ambiente do trabalho, branco nascido na cidade e preto vindo do Cafundó esqueciam suas diferenças<sup>33</sup> para se identificarem na situação social advinda da relação de trabalho.

Nesse cenário, pontuam Vogt e Fry, que haveria o exercício da língua de duas formas, o de código secreto e o de expediente simbólico para marcar as diferenças de papéis dos companheiros perante os chefes hierárquicos, havendo uma instrumentalização da diferença hierárquica e uma compensação dessa hierarquia por um segredo que o superior não conhecia.

Ressalte-se que alguns integrantes do Cafundó se comportam de forma diversa, ao argumento de que a *cupópia* só deveria circular entre os descendentes consanguíneos dos velhos africanos do Caxambu e deveria marcar exclusivamente uma linhagem de “eleitos”, no interior de uma etnia. Logo, o segredo da língua seria um bem intransferível, não passível de socialização no mundo atual e que não tem preço, razão pela qual não conversavam com pessoas que não pertencessem à linhagem.<sup>34</sup> Nesta postura, a língua poderia ser considerada um tesouro e, por isso, permanecer intacta, ao mesmo tempo em que manteria o poder daquelas comunidades, mas sujeita ao desaparecimento enquanto cultura.

Volvendo a um lado psicológico, os autores vislumbraram a utilização da língua de dois modos. Para a superação de algum complexo de inferioridade, advindo da situação econômica, ou de superioridade, advindo da condição de pertencente ao Cafundó. Consignam:

As identidades representadas na e pela fala de um e de outro pressupõem, sendo a língua única em princípio, as utilizações que dela se fazem podem torná-la múltipla e diversa. Ainda no mesmo sentido, mas indo um pouco mais longe, a “língua africana” do Cafundó aparece, então, como um caso particular do princípio geral que acabamos de enunciar. Seu papel na construção de identidades sociais está inscrito como uma

---

<sup>29</sup> PÊCHEUX. *Op. Cit.*, p. 82.

<sup>30</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>31</sup> MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 65.

<sup>32</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>33</sup> VOGT; FRY. *Op. Cit.*

<sup>34</sup> VOGT; FRY. *Op. Cit.*

virtualidade intrínseca a qualquer língua. A sua singularidade se deve não ao fato de marcar fronteiras sociais, já que isso é propriedade de todas as línguas, mas sim ao modo no qual e pelo qual essas fronteiras são marcadas, levando-se em conta as condições históricas particulares que possibilitaram a preservação e até mesmo a expansão de um léxico africano nessa região.<sup>35</sup>

Tanto que, no funcionamento interno do Cafundó, que tem origem numa estrutura familiar de duas irmãs negras,<sup>36</sup> havia uma divisão binária, uma parte dos descendentes assumia a condição de segredo da língua e a outra assumia a condição de sacralidade da língua, de acordo com o maior e o menor, respectivamente, contato com a cultura dominante.

### 3 A discussão

Diante do relato, o que se pode observar são as várias dimensões da linguagem e outros comportamentos não captados pela linguagem falada,<sup>37</sup> tal como enuncia Pêcheux, sendo esta a questão debatida neste artigo. Isto é, observa-se quão intrincada é a atividade do intérprete considerando-se a análise do discurso e, principalmente, considerando-se o teor ideológico do discurso, como se exporá.

Verifica-se que os autores do Cafundó fizeram seus estudos e reflexões com fundamentos na história, na linguagem e na ideologia, fechando o tripé da análise do discurso, razão pela qual este raciocínio foi possível. Contudo, existe uma real dificuldade na escuta, tanto que Maturana sustenta que cada um escuta por si mesmo,<sup>38</sup> principalmente quando se analisa a ideologia. A hipótese é que o plano ideológico se embaraça quando se observa culturas diferentes, *in casu* a cultura dos estudiosos e a dos quilombolas, fazendo com que parte da ideologia contida no discurso tenha passado despercebida.

Há que se ressaltar, ainda, que o momento histórico do início da pesquisa, bem quando da publicação do livro, não favoreceu os raciocínios relacionados à pluridade nacional e ao multiculturalismo, o que proporciona uma releitura atual do diálogo com esses novos componentes. Certo que, como enfatizado, ainda assim será possível a ocorrência de nuances não percebida pelo analista.<sup>39</sup>

Considerando-se essas circunstâncias, verifica-se que não se observou, na pesquisa, uma resistência do grupo em se abrir à cultura “majoritária”.<sup>40</sup> Isto é, uma das famílias, das duas que deram origem ao Cafundó, ao escolher não dividir a língua com a comunidade local resistia à convivência em virtude de um valor simbólico pertencente aos descendentes daquela família. Da mesma forma, a utilização da língua com pessoas não pertencentes ao grupo apenas em alguns setores específicos, para manter uma superioridade diante do superior hierárquico, também demonstra, ainda que de forma mais branda, uma resistência em incluir as pessoas não pertencentes ao Cafundó. O que se nota, portanto, é que aquele grupo

---

<sup>35</sup> VOGT; FRY. *Op. Cit.*, p. 201.

<sup>36</sup> *Idem.*

<sup>37</sup> PÊCHEUX. *Op. Cit.*

<sup>38</sup> MATURANA. *Op. Cit.*, p. 41.

<sup>39</sup> Há uma incompletude no discurso, pois, “a discursividade é um acontecimento que nem a linguagem nem a história podem esgotar inteiramente – haverá sempre espaço para outro sentido, para outro discurso”. BRIOTI, Luiz André Neves de. **(Re)Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva?** Disponível em: <[http://www.revistaautomia.com.br/v2/wp-content/uploads/2012/08/Re-lendo-Michel-P%C3%AAacheux\\_p.542-562.pdf](http://www.revistaautomia.com.br/v2/wp-content/uploads/2012/08/Re-lendo-Michel-P%C3%AAacheux_p.542-562.pdf)> Acesso em: 20 abr. 2013, p. 56.

<sup>40</sup> A sociedade majoritária é orquestrada na igualdade de comportamento porque é um dos fundamentos do Estado Nacional, logo, impera um mesmo comportamento cultural, uma mesma cidadania e uma mesma língua, tudo a dar suporte ao projeto ideológico de homogeneização do Estado-nação. MACHADO, Nélida Reis Caseca. **A proteção dos quilombolas: possíveis releituras de inclusão.** 2012. 124. Dissertação (Mestrado em Direito) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre, 2012. Disponível em <<http://www.fdsu.edu.br/Mestrado/Nelida%20Reis%20%20C%20%20Machado.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

descoberto e que deslumbrou alguns cientistas naquela época em virtude da resistência e da permanência cultural mesmo havendo todo um movimento de homogeneização proporcionado pelo Estado Nacional, não foi apenas um grupo excluído ou não incluído pelo Estado, pelo contrário, é composto por um grupo que também excluiu, mantendo uma resistência.

As pessoas, vinculadas ainda na ideia de colonização do Estado Nacional que dispõe acerca de uma única cultura e único comportamento, em um raciocínio ideológico, pensaram em formas e sistemas de incluir os pertencentes daquela comunidade impondo de certa forma os conhecimentos majoritários, sem perceber, através da escusa do diálogo retratado, a negativa à inclusão. Aliás, sem perceber que através da língua aquelas pessoas demonstravam agir em um movimento de proteção interna da cultura a que pertenciam.

Não perceber esse comportamento simbólico/ideológico da comunidade acarreta a sobreposição da cultura majoritária sobre o grupo, dificultando a coexistência das culturas, pois, depois de descoberta a comunidade, o contato com as pessoas e com o governo governamental altera o modo de vida, e, de consequência, impossibilita cada vez mais o diálogo intercultural. Por outro lado, averiguada a resistência, não só linguística porque a língua demonstra o pensamento ideológico do grupo, o cuidado com o contato poderia preservar os valores simbólicos que fizeram com que o grupo permanecesse.

Ainda que atualmente não haja uma resposta em como seria um bom diálogo entre as culturas, um instrumento viável para esse ajuntamento seria fazer analogia com os raciocínios advindos dos estudos feitos com o aprendizado de línguas estrangeiras, tal como desenvolvido por Fabiele Stockmans de Nardi, já que a língua carrega em si um aporte ideológico. Ela propõe que se reflita acerca da experiência de aproximação da língua do outro,<sup>41</sup> que a princípio seria um movimento de rejeição, expulsão, interdição,<sup>42</sup> mas que posteriormente gera um encantamento, dando origem ao questionamento acerca dos motivos do afastamento inicial em relação a esse espaço do outro.<sup>43</sup>

Propõe, ainda, a necessidade de construir espaços de acolhimento do sujeito na língua estrangeira, como forma de compreender os processos identificatórios<sup>44</sup> pelos quais passa o aprendiz que nada conhece ao se inserir na língua do outro. Tais reflexões podem ser estendidas e aplicadas às barreiras culturais.

Há que se ressaltar que, da mesma forma como acontece com o aprendizado de uma nova língua-cultura, o fascínio e o terror a ser enfrentado é produto da exposição à fragilidade da identidade, tomada como forma de diferenciamento do outro,<sup>45</sup> do exterior que separa as pessoas e que as constitui. O observador, portanto, que é a postura adotada em ambos os lados da aproximação, é lançado nesse lugar do estranhamento, que perturba, incomoda, desestabiliza e ameaça por ser de fora, em virtude do não pertencimento.<sup>46</sup>

Saliente-se que no decorrer da investigação as percepções podem se alterar porque há influências recíprocas entre o observador e o observado, afinal, a interação com o meio culmina em mudanças estruturais em ambos os lados. É o que diz Humberto Maturana:

... organismo e meio desencadeiam mutuamente mudanças estruturais sob as quais permanecem reciprocamente congruentes, de modo que cada um flui no encontro com o outro seguindo as dimensões em que conservam sua organização e adaptação, caso contrário, o organismo morre. Finalmente, isso ocorre espontaneamente, sem nenhum

---

<sup>41</sup> DE NARDI, Fabiele Stockmans. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 5 - n. 2 - p. 182-193 - jul./dez. 2009. Disponível em: <[www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/1251/764](http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/1251/764)>. Acesso em: 25 mar. 2012.

<sup>42</sup> *Idem.*

<sup>43</sup> *Idem.*

<sup>44</sup> *Idem.*

<sup>45</sup> PÊCHEUX. *Op. Cit.*

<sup>46</sup> *Idem.*

esforço dos participantes, como resultado do determinismo estrutural na dinâmica sistêmica que se constitui no encontro organismo-meio. Em consequência disto, enquanto estou vivo e até que morra, vivo em interações recorrentes com o meio, sob condições nas quais o meio e eu mudamos de maneira congruente. Isto é sempre assim? Sim, sempre!<sup>47</sup>

Essas mudanças também podem ser provenientes da tomada de decisão do observador em manter uma postura de aprendiz, desvestido e oscilando no espaço (intervalo) entre sua cultura<sup>48</sup> e a cultura em estudo, que pode resultar uma alteração em sua forma de olhar. Esta alteração advém da impossibilidade de um entendimento perfeito da significação do que está sendo analisado, averiguando que há porções indizíveis da cultura,<sup>49</sup> fazendo com que a leitura seja mais rica e completa ao invés de ser simplista e reducionista.

Nessa postura, será possível uma melhor conscientização das ideologias carregadas e as que serão observadas, mesmo sem saber ainda os seus conteúdos e começa-se uma melhor interação para o desvelamento das reais estruturas de funcionamento sociocultural, que fluirá de forma simples, porém complexa, e apta a demonstrar um resultado teórico mais aproximado, possível da *práxis* numa, chamada por Pêcheux, cumplicidade de entendimento onde se pode encontrar o pensamento pensado “naquele lugar”.<sup>50</sup>

Nas palavras de Pecheux:

Vemos surgir, assim, uma espécie de cumplicidade entre o locutor e aquele que a quem se dirige, como condição de existência de um sentido da frase. Essa cumplicidade supõe de fato, uma identificação do locutor, isto é, a possibilidade de pensar o que ele pensa em seu lugar.<sup>51</sup>

É que inserir-se na cultura de outrem é encontrar na rede de discursos<sup>52</sup> aptos a produzir sentido, isto é, inserir-se em um campo de subjetividade com identificação com saberes interdiscursivos,<sup>53</sup> sendo que a construção desse campo<sup>54</sup> permite romper as barreiras e vislumbrar o real significado.

Os observadores, então, aderem à cultura do outro, com as resistências que lhe seriam inerentes, mas com a vivência de outras e novas memórias,<sup>55</sup> como um espaço de deslocamentos,<sup>56</sup> de desconstruções,<sup>57</sup> com a possibilidade de repensar seu próprio lugar.<sup>58</sup> Há que se dizer que o processo dificilmente pode ser manipulado, afinal, só se pode falar da linguagem estando na linguagem,<sup>59</sup> pois a linguagem carrega toda a visão de mundo a ser compartilhada. Os pressupostos que envolvem cada cultura são distintos, isso é óbvio, mas como um apelo de esperança, ainda que seja algo extremamente difícil, estando as pessoas na convivência, talvez seja possível encontrar uma melhor saída e quebrar a barreira da linguagem/cultura/ideologia.

A esperança que sustenta esse discurso pode ser resumida nas palavras de Maturana:

---

<sup>47</sup> MATURANA. *Op. Cit.*, p. 62

<sup>48</sup> DE NARDI. *Op. Cit.*

<sup>49</sup> *Idem.*

<sup>50</sup> Expressão utilizada aqui para fazer referência ao momento, ao tempo e ao espaço.

<sup>51</sup> PÊCHEUX. *Op. Cit.*, p. 105

<sup>52</sup> DE NARDI. *Op. Cit.*

<sup>53</sup> *Idem.*

<sup>54</sup> *Idem.*

<sup>55</sup> *Idem.*

<sup>56</sup> DE NARDI. *Op. Cit.*

<sup>57</sup> *Idem.*

<sup>58</sup> *Idem.*

<sup>59</sup> MATURANA. *Op. Cit.*

Repito: sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social.<sup>60</sup>

### Considerações finais

Por todo o exposto, resta evidente a dificuldade encontrada na observação e na intercomunicação entre diferentes culturas. Este estudo se baseou nos relatos dos autores do Cafundó, que por sua vez registraram a linguagem, em seus vários vieses, inclusive como dificultador do entendimento. Ressalte-se, contudo, que dentro do fenômeno social<sup>61</sup> várias conversas são travadas, logo, várias seriam as dificuldades.

Através do diálogo estudado vislumbraram-se pontos de contato entre a interpretação feita pelos autores e o aporte teórico de Michel Pêcheux na análise do discurso, tendo escapado a ideologia do grupo quilombola no discurso, que aparece e se revela na tentativa de esconder os significados das palavras no diálogo, e na comunhão da língua com poucas pessoas não pertencentes ao grupo.

A ideologia que se percebe, neste momento do estudo, considerando-se a pluralidade do Estado nacional e o multiculturalismo, conceitos mais esclarecidos no momento atual, é que da mesma forma que o grupo teria sido excluído ou não incluído pela população majoritária, haveria um movimento de exclusão e não inclusão de outras pessoas pelo grupo quilombola. A percepção desta ideologia poderia facilitar o contato e a convivência entre os grupos, isto é, os quilombolas com o resto da população. Isso porque, compreender a cultura do outro é “estar” na língua do outro, o que implica vencer as resistências<sup>62</sup> dos observadores, em relação a essa língua e sua memória,<sup>63</sup> mas também compreender o que nessas memórias resistem e fazem querer rejeitar e ou aderir aos dizeres da linguagem. Com efeito, expostos à convivência, na aceitação do “outro como legítimo outro na convivência”,<sup>64</sup> as circunstâncias poderiam alterar o cenário, fazendo com que as divergências não sejam sentidas como questão de existência e, a partir de então, paulatinamente, ir quebrando os marcos divisórios de sobreposição cultural, com a possibilidade, inclusive, de se criar uma nova cultura.

### Referências

BARONAS, Roberto Leiser. **Efeito de sentido de pertencimento à análise de discurso.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/RobertoLeiserBaronas.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2013.

BRIOTI, Luiz André Neves de. **(Re)Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva?** Disponível em: <[http://www.revistaautomia.com.br/v2/wp-content/uploads/2012/08/Re-lendo-Michel-P%C3%A0cheux\\_p.542-562.pdf](http://www.revistaautomia.com.br/v2/wp-content/uploads/2012/08/Re-lendo-Michel-P%C3%A0cheux_p.542-562.pdf)> Acesso em: 20 abr. 2013.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>> Acesso em: 20 abr. 2013.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 5 - n. 2 -

<sup>60</sup> MATURANA. *Op. Cit.*, p.31.

<sup>61</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>62</sup> DE NARDI. *Op. Cit.*

<sup>63</sup> *Idem.*

<sup>64</sup> MATURANA. *Op. Cit.*, p. 31.

p. 182-193 - jul./dez. 2009. Disponível em: <[www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/1251/764](http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/1251/764)>. Acesso em: 25 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. **Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade**: reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Porto Alegre: 2007. Disponível em: <[www.ufrgs.br/ppgletras/defesas/2007/FabieleStockmansNardi.pdf](http://www.ufrgs.br/ppgletras/defesas/2007/FabieleStockmansNardi.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Marcas de identidade. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 4 - n. 1 - 61-78 - jan./jun. 2008 Disponível em: <[www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/545/349](http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/download/545/349)>. Acesso em: 20 abr. 2012.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Linguagem, ideologia e psicanálise**. Estudos da linguagem. Michel Pêcheux e a análise do discurso. Vitória da Conquista n.1, p. 69-75, junho 2005.

\_\_\_\_\_. **O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil**. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r27/revista27\\_3.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_3.pdf)> Acesso em: 20 abr. 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MACHADO, Nélida Reis Caseca. **A proteção dos quilombolas**: possíveis releituras de inclusão. 2012. 124f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre, 2012. Disponível em <<http://www.fdsu.edu.br/Mestrado/Nelida%20Reis%20%20C%20%20Machado.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. **Tematizando o ritual de linguagem**. Ling. (dis)curso (Impr.) vol.10 no.2 Tubarão Aug. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-76322010000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-76322010000200003&script=sci_arttext)> Acesso em: 20 abr. 2013.

SIMIONI, Rafael Lazzarotto. Direito e reciprocidade na ausência de um único mundo vivido: o multiculturalismo na Amazônia ocidental. **Revista de Direitos culturais** – v. 3 – n. 5 – Dezembro 2008, p. 53-65.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. **Cafundó**: a África no Brasil: linguagem e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**Recebido em:** 20 de agosto de 2012

**Aceito em:** 6 de junho de 2013